

As origens do alfabeto e as descobertas de Glozel

POR

HUMBERTO PINTO LIMA

Assistente da Faculdade de Letras do Porto

Desde a época clássica que a origem fenícia do alfabeto era geralmente aceite, como Lucano afirmava nos seus versos tão conhecidos, e igualmente diziam Diodoro, S. Clemente de Alexandria, etc. Mas Plínio supunha uma origem assíria para os sinais usados pelos semitas mercadores.

Com o progresso da historiografia oriental puderam Champollion, Salvolini, Ch. Lenormant e Van Drival, apresentar várias hipóteses filiando o fenício na escrita egípcia, divergindo as opiniões sobre a escrita nilótica que serviu de tipo. Em 1859 Em. de Rougé, numa memória célebre apresentada à Academia de Inscrições e Belas Letras, parecia demonstrar a origem hierática do alfabeto fenício, levantando graves objecções a essa hipótese de Lagarde e J. Halévy, que julgavam o alfabeto fenício de origem hieroglífica.

A raridade de textos antigos fenícios (Em. de Rougé só conhecia a inscrição de Eshmunazar) tornou legítimas as opiniões de M. Deecke e Fr. Hommel favoráveis à origem mesopotâmica do alfabeto fenício. Mas a hipótese do primeiro perde muito do seu valor por escolher 22 caracteres cuneiformes entre os adoptados em várias épocas em lugares diferentes, ao passo que Hommel, como nota Lenormant ⁽¹⁾ e Maspero ⁽²⁾ se esquecia

⁽¹⁾ *Propagation de l'Alphabet Phenicien.*

⁽²⁾ *Hist. Ancienne des Peuples de l'Orient*, Paris, 1904.

de que os assírios se detiveram no silabismo, ao passo que os egípcios desde a quinta dinastia tinham imaginado já um alfabeto, posto que nunca se pudessem libertar dos ideogramas homófonos e polífonos: por um princípio acrológico chegaram a representar o som *h* por uma corda entrelaçada (copta-*hophe*), *r* por uma bôca (copta-*rd*), mas o hábito e a religião que domina tôdas as escritas primitivas, impediam a supressão do ideografismo e polifonia primitivos. Esta última simplificação só podia ser realizada por um povo quási ateu, conduzido por um grande senso prático, e tendo relações íntimas com a civilização faraônica, circunstâncias em que só se encontrava o fenício, que mil anos a. C. ousou limitar a escrita aos sinais consonânticos.

A filiação cretense do alfabeto fenício, sugerida por Evans depois das descobertas realizadas em Creta, não tem mais consistência do que a proposta por Gardiner, que o considera derivado dos caracteres sinaíticos, como as últimas descobertas de Byblos demonstraram.

Contenau ⁽¹⁾, seguindo a opinião de Dussaud, admite não só terem os fenícios simplificado alguns sinais de origem egípcia como terem inventado os restantes:

« Il faut rendre aux Phéniciens ce qui, décidément, leur appartient. Ils ont été les auteurs d'une des plus grandes inventions de l'humanité, le jour où ils ont rompu délibérément avec les écritures si compliquées qui étaient alors en usage, où ils ont démêlé vingt-deux sons simples permettant de noter les diverses articulations consonnantiques de leur langue et où ils ont créé de toutes pièces un système de signes d'une remarquable simplicité, dans lequel chaque lettre se distingue à première vue de toutes les autres » ⁽²⁾.

⁽¹⁾ *La civilisation Phénicienne*, Paris, 1926.

⁽²⁾ *Inscrições Phéniciennes du tombeau d'Ahiram*, cit. por Contenau.

Era esta a situação do problema quando em 1924, em Glozel, povoação francesa da comuna de Ferrières (Allier) se descobriram em construções supostas neolíticas, tijolos ou placas de argila nas quais estavam gravados sinais alfabetiformes. Em carta, já há tempos, o grande arqueólogo Camille Jullian falara ao sr. Prof. Mendes Corrêa desses curiosos documentos, que lhe lembravam *litterae ephesiae* e seriam talvez inscrições de povos bárbaros com possíveis afinidades com o alfabeto ibérico.

As descobertas feitas casualmente durante uns trabalhos agrícolas, foram muito prejudicadas pela ignorância dos seus descobridores, sendo devida a salvação do resto à prudência dos proprietários e ao dr. Morlet, que quási desde o início acompanhou esta descoberta, publicando sôbre o assunto duas brochuras, e dois artigos no *Mercure de France*, o último no número de 15 de Julho do corrente ano, acompanhado por um importante relato do eminente etnógrafo Van Gennep, duma sua visita a Glozel. Durante esta visita o ilustre investigador recolheu *in loco*, com grandes precauções devido ao estado de friabilidade dos materiais enterrados num solo muito húmido: alguns sílex retocados e utilizados; duas lâmpadas completas, neolíticas, de fundo achatado, ovalóides e de bico; dois pequenos vasos neolíticos, de fundo completamente arredondado; uma punção de cerca de 10 cm. em chifre de cervídeo; metade dum vaso com figura humana esquemática, tendo sobrancelhas, olhos, nariz (uma representação do ídolo neolítico feminino?), infelizmente partido em três pedaços, apesar de tôdas as precauções; uma figurinha com chifres; e a estatueta bisexuada típica do neolítico.

O material e as condições da estação levam o ilustre etnógrafo a concluir que: a estação de Glozel é neolítica típica (mesmo do neolítico antigo); que no local da excavação era a fábrica de estatuetas e o santuário duma divindade à qual se faziam oferendas; emfim, que este santuário devia estar situado num bosque

junto de duas fontes sagradas, onde se deviam realizar as abluções purificadoras. Admite também a existência das inscrições.

Em face dos achados não parece arriscado considerar a estação talvez como neolítica, mas, quanto aos sinais considerados como alfabéticos, temos que esperar posteriores investigações, pois só uma análise cuidada do valor de cada sinal nos poderá levar a qualquer conclusão positiva. Nas tábuas fornecidas pelo dr. Morlet no mesmo número do *Mercur de France*, muitos sinais são idênticos aos da arte rupestre peninsular, apresentados, entre outros, por Obermaier. Êste arqueólogo ilustre considerou os sinais alfabetiformes dos seixos pintados que Piette descobriu na estação pre-neolítica de Mas-d'Azil, como representações de antepassados, análogos aos *churingas* dos Arunta australianos, guardados cuidadosamente no *ernatulunga*.

Obermaier, em *El Hombre Fossil*, com singular clareza afirma e demonstra serem essas pedras azilienses símbolos religiosos, estabelecendo tábuas em que se verifica a esquematização progressiva da figura humana.

Mas não faltou quem considerasse êsses sinais como um verdadeiro alfabeto, sendo a sua origem recuada a sinais isolados e muito duvidosos, encontrados em La Madeleine, Laugerie e outras estações paleolíticas. Note-se, de passagem, que Juan Cabré chegou, num trabalho muito controvertido, a duvidar da antiguidade aziliense dos calhaus coloridos de Mas d'Azil, considerando-os mais modernos do que a camada pròpriamente aziliense, mais profunda.

Mas, como afirma o sr. Prof. Aarão de Lacerda no seu livro *O Fenómeno Religioso e a Simbólica* ⁽¹⁾, ao período altamirense, prodigiosamente rico em imagens, segue-se a era em que domi-

(1) Pôrto, 1924.

nam os símbolos, em que os artistas esquematizam, resumem tudo aquilo que os seus antecessores trogloditas pormenorizavam do modêlo vivo.

O aziliense precede a glíptica simbólica do período neolítico, a arte que Verworn chamou *ideoplástica* ⁽¹⁾.

A arte, ao estilizar-se numa forma tão absurda como surge nos petroglifos peninsulares, deixa de ser estética para ser comunicativa, ou seja um preliminar da escrita ⁽²⁾.

Como preliminares da escrita, torna-se aceitável a existência de sinais no neolítico inicial. Dêsses sinais é que mais tarde um povo poderia tirar um alfabeto, como aconteceu com a escrita egípcia. Porém, fazer remontar ao neolítico a existência dum verdadeiro alfabeto parece em demasia fantasioso e incerto enquanto novas descobertas não venham confirmar as hipóteses emitidas.

(1) Aarão de Lacerda, id.

(2) D. Elias Tormo, *Preliminar do Catalogo-Guia da Exposicion de Arte Pre-historico Español*, (cit. por Aarão de Lacerda, id.).